



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à RedeTV

Palácio da Alvorada, 28 de novembro de 2007

Jornalista: Boa noite, Rodolfo Gamberini.

Jornalista: Boa noite, Marcelo. Boa noite, ouvintes e telespectadores do RedeTV News. Nós estamos falando ao vivo do Palácio da Alvorada, em Brasília, ao lado do presidente Lula.

Presidente, em primeiro lugar, obrigado pela oportunidade da entrevista. O Brasil ficou em 70º lugar no IDH divulgado esta semana. O senhor se sente incomodado de ficar atrás da Argentina também nos indicadores sociais?

Presidente: Gamberini, primeiro deixe-me cumprimentá-lo. É uma alegria te rever e te dar uma entrevista, depois de tanto tempo. Cumprimentar o Marcelo. O Marcelo está até falando mais tranqüilo agora, no cumprimento que ele fez a você. E dizer para você, Gamberini, que é motivo de orgulho chegar onde nós chegamos. É importante lembrar que a Argentina, historicamente, teve um padrão de vida melhor do que o Brasil. É importante lembrar que a Argentina, no começo do século passado, era a quinta economia do mundo, é importante lembrar que a Argentina tem uma educação muito mais evoluída do que a nossa.

O Brasil, durante muito tempo, ficou paralisado. O que está acontecendo agora? O que está acontecendo agora é que os resultados das políticas públicas estão aparecendo. E os dados que foram divulgados são de 2005. Na hora em que se divulgar 2006, vai melhorar mais, 2007, vai melhorar mais. Eu até desafiei a direção do PNUD para em 2012, quando eu não serei mais presidente da República, eles virem ao Brasil divulgar os dados de 2010, que



você vai ver que nós estaremos muito melhor do que estamos hoje. (inaudível)

Jornalista: Presidente, o senhor tem uma história de lide sindical e, por isso, é acostumado a negociações e, portanto, acostumado a concessões, a avanços e recuos. O Presidente da Venezuela, Hugo Chávez, é militar, tem uma formação de enfrentar, combater e vencer o inimigo, se possível destruindo o inimigo. A Venezuela tem se armado muito, grande parte do orçamento da Venezuela tem se destinado a armamentos. Já é a maior força militar da América Latina. Eles são nossos vizinhos na Amazônia, que é uma região pouco ocupada. Isso preocupa o senhor?

Presidente: Não me preocupa porque eu acho que nós, primeiro, precisamos respeitar a soberania de cada país, o jeito de governar de cada presidente e as decisões soberanas do povo de cada país.

Jornalista: Presidente, Hugo Chávez sabe disso?

Presidente: Claro que sabe, sabe disso e a Venezuela tem sido uma grande parceira nossa. O problema não é a Venezuela estar se preparando, estar se armando, comprando aquilo que não tinha. O grande problema é o Brasil, que nos últimos 30 anos permitiu que o nosso sistema de defesa se deteriorasse. Nós tínhamos indústrias de defesa extraordinárias, que foram sucateadas. Nós tínhamos indústrias que produziam coisas para as Forças Armadas, que hoje praticamente não existem. Nós, agora, estamos tentando recuperar até porque o maior comprador seremos nós mesmos.

Nós temos o Chile que está mais preparado, nós temos a Colômbia porque vive em guerra há 40 anos. Mas eu penso, Gamberini, que todos nós precisamos ter consciência de que esta América do Sul é um território de paz. Aqui, há mais de 100 anos não há um conflito, que não há uma coisa grave.



Houve um conflito entre o Chile e o Equador, entre o Peru e o Equador. Mas eu acho que todos nós estamos conscientes de que no século XXI a América do Sul não pode jogar fora a oportunidade de crescer. E só é possível crescer em momento de paz, em momento de tranquilidade. Se um governante gasta o seu dinheiro e o seu tempo com guerra, certamente haverá um retrocesso para o seu país.

Eu acho que nós temos consciência disso, por isso estamos criando organizações. Agora vamos inaugurar o Banco do Sul, criamos a Unasul, que é uma espécie de modelo da União Européia, para unificar todos os países da América do Sul, levando em conta os problemas que nós temos. Nós somos democracias em formação. A gente nunca pode esquecer que há 20 anos, em quase todos os países da América do Sul tinha grupos de luta armada. Hoje, todo mundo, com exceção das Farc, está disputando pela via democrática.

Jornalista: O senhor tem certeza, Presidente, de que a prorrogação da CPMF vai ser aprovada neste momento?

Presidente: Tenho.

Jornalista: Tem certeza absoluta?

Presidente: Tenho. Gamberini, você que é um homem que lida com a política e que conhece a política, é importante ver o que está acontecendo no cenário da República. Primeiro, eu tenho consciência de que os senadores de bem, os senadores que acompanham a economia, os senadores que sabem os efeitos da política social nos seus estados, os senadores que sabem qual é a destinação do dinheiro da CPMF, sabem perfeitamente bem que terão que votar favorável à CPMF. E eu digo isso porque se você pegar como exemplo o estado do Ceará, você vai perceber que o Ceará contribui, com a CPMF, com 1



bilhão de reais, e é retornado em políticas sociais para o Ceará 1 bilhão e meio. E, aí, cada senador vai fazer uma reflexão se a tentativa de prejudicar o governo compensa os prejuízos que eles vão causar ao povo que eles estão representando dentro do Congresso Nacional.

Além disso, nós temos uma coisa no Congresso Nacional, que é seguinte: o PFL tem toda a razão de estar radicalizado. É um partido que não tem perspectiva de poder, é um partido que tem apenas o governador do Distrito Federal, que é favorável à CPMF, e tem sido um parceiro importante do governo federal. Mas, e o PSDB? O PSDB governa dois dos estados mais importantes do País, além disso governa o Rio Grande do Sul, governa a Paraíba. Os governadores são favoráveis à CPMF, os governadores têm interesse no dinheiro da CPMF, porque é dinheiro que vai para a aposentadoria, é dinheiro que vai para a saúde, é dinheiro que vai para o Bolsa Família.

O PSDB tem perspectiva de poder, governou o País até outro dia. Ora, então...

Jornalista: E tem vários candidatos à Presidência.

Presidente: É o que tem mais candidatos a presidente da República. Então, o PSDB, obviamente que vai meditar, vai refletir, vai chegar no momento de votar e o PSDB vai falar: “Bom, o fato de nós termos divergências com o presidente Lula não implica que, por conta disso, nós que governamos este País, nós que temos governadores que querem a CPMF, causemos um prejuízo à economia brasileira, à responsabilidade fiscal deste País, à estabilidade, por conta de uma briga menor”. Eu tenho certeza disso. Então, eu acho que o PSDB e os outros partidos da base, certamente, vão refletir e vão votar favoráveis. Agora, do PFL eu não espero nada, porque é um partido sem perspectiva. Eu fico imaginando quando tinha só 16 deputados na Constituinte, a gente pode falar



tudo, porque a responsabilidade... a irresponsabilidade aumenta. Então, eu acho que no frigar dos ovos, o Senado vai agir com muita consciência e sabe que não é o Lula que precisa. É o Brasil e o povo brasileiro que precisam da CPMF.

Jornalista: Presidente, nas últimas semanas, o governo abriu o cofre e a gente viu a liberação de milhões de reais para emendas de parlamentares, justamente para conseguir os votos para prorrogar a CPMF. Essa é a postura política com que o senhor sonhava, antes de ser presidente?

Presidente: Primeiro, que não é verdade. Eu não sei quais os jornais que você viu, mas os dados da liberação de emendas, em 2007, está menor do que no mesmo período em 2006 e em 2005. O problema é que você tem um período para liberar emenda. Quando se aprova o Orçamento, aprova-se uma quantidade de dinheiro para emendas.

Jornalista: (inaudível) liberar?

Presidente: Teve um primeiro momento, em 2003, em que a gente teve dificuldade, contingenciamos, não liberava. O correto, que nós acertamos, é o seguinte: você precisa liberar a cada três meses, um conjunto de emendas para o Congresso, para que quando chegue no fim do ano você tenha cumprido aquilo que o orçamento determinou. E as emendas individuais são legítimas, elas têm endereço, têm residência fixa. Então, você pode fazer isso com muita tranquilidade. Agora, desde que eu era oposição, há muito tempo que eu ouço dizer, na época de votação de qualquer coisa importante vocês criam a manchete: “O governo libera cofre”. Como se fosse proibido e um crime liberar emendas que foram aprovadas pelo próprio Congresso.



Jornalista: Presidente, em 1986, o senhor foi visto numa boate muito cara de São Paulo, tomando champanhe. No Roda Viva de 1986 eu lhe perguntei sobre isso. Naquela época, o senhor era um líder sindical importantíssimo, e me respondeu que o senhor lutava por um País em que todos os trabalhadores tivessem o direito de tomar champanhe numa boate cara como aquela. Nós estamos longe ou perto disso?

Presidente: Isso foi uma coisa que é importante lembrar (Inaudível).

Jornalista: O senhor se lembra?

Presidente: A gente estava em greve, a revista Manchete fez uma entrevista comigo e me convidou para jantar. Eu queria levá-los para comer frango com polenta, em São Bernardo (Inaudível). Eu tomei, na verdade, sabe o que eu tomei lá? Eu tomei um licor. O que é engraçado é que isso retrata um pouco o preconceito que tinha contra a minha pessoa e contra o fato de um metalúrgico tomar um licor ou tomar um champanhe. No mundo inteiro desenvolvido, o trabalhador pode tomar um champanhe, pode tomar um licor, e eu luto para que o povo brasileiro possa tomar também. Eu acho que já tem muita gente que está alcançando, mas ainda estamos longe.

Jornalista: Presidente, eu gostaria de fazer uma última pergunta para o senhor. Por que pouca gente acredita quando o senhor diz que não quer o terceiro mandato?

Presidente: Essa história do terceiro mandato virou uma coisa dos meus opositores. Na verdade, eu não sei porque eles estão com medo. Eles queriam me tirar há um ano e meio. Nós não tínhamos o segundo mandato e eles é que aprovaram. Por que eu não quero o terceiro mandato, Gamberini? Primeiro,



porque a Constituição não permite. Segundo, porque eu sou favorável à alternância de poder. Terceiro, porque eu acho que a cada quatro anos, a cada oito anos, o povo tem que ter o direito prazeroso de renovar os seus mandatários.

Jornalista: Presidente, muito obrigado pela entrevista, até outra oportunidade.

Presidente: Muito obrigado a você, Gamberini.

Jornalista: Boa noite.

Presidente: Boa noite.